Organizadoras
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

Rupturas e desafios da educação no DISTRITO FEDERAL (1964 - 1985)



EDITORA
UnB

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz

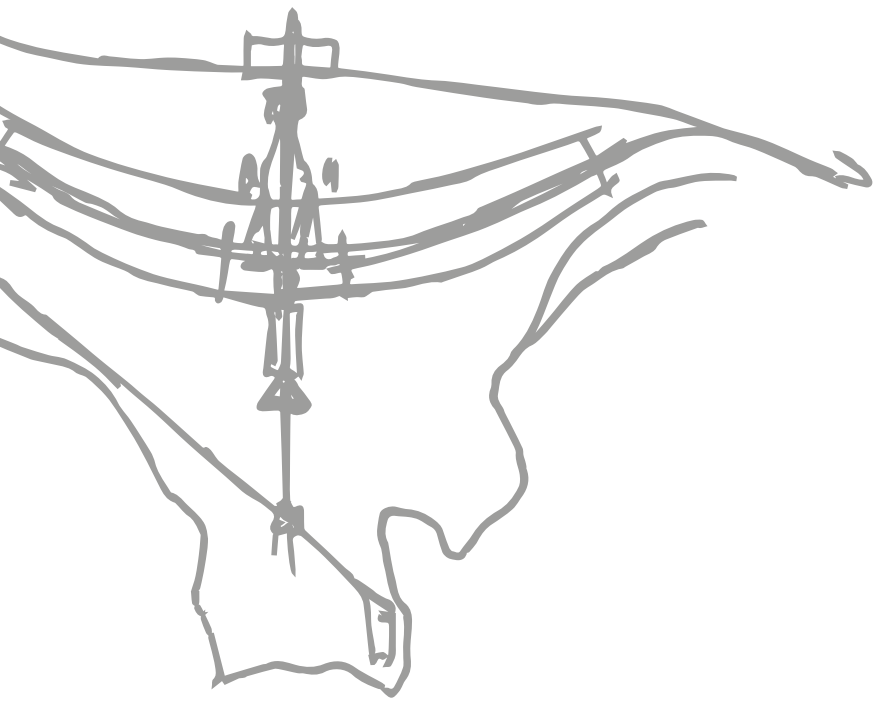
EDITORA
UnB

Diretora Marina Dourado Lustosa Cunha

Conselho editorial
Andrey Rosenthal Schlee
Biagio D'Angelo
Carina Luísa Ochi Flexor
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Josivânia Silva Farias
Maria Carmem Aires Gomes
Maria do Socorro Neri de Sousa
Maria Filomena Pinto da Costa Coelho
Marina Dourado Lustosa Cunha
Nilce Santos de Melo
Rosineide Magalhães de Sousa

Organizadoras
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

Rupturas e desafios da educação no DISTRITO FEDERAL (1964 - 1985)



EDITORA
UnB

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial Marília Carolina de Moraes Florindo

Assistência editorial Jade Luísa Martins Barbalho

Revisão Jeane Pedrozo

Diagramação Wladimir de Andrade Oliveira

Padrão visual/Capa Mauro Liz (2011)

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília-DF
CEP: 70910-900
(61) 3107-3700
www.editora.unb.br
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização expressa da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

R947 Rupturas e desafios da educação no Distrito Federal (1964 – 1985) [recurso eletrônico] / organizadoras, Eva Waisros Pereira, Laura Maria Coutinho, Maria Paula Vasconcelos Taunay. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
552 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-243-9.

1. Educação – Brasília (DF) – História. 2. Ditadura. I. Pereira, Eva Waisros (org.). II. Coutinho, Laura Maria (org.). III. Taunay, Maria Paula Vasconcelos (org.).

CDU 37(817.4)(09)

Heloiza dos Santos – CRB 1/1913

Sumário

APRESENTAÇÃO.....14

Parte I
OUTROS ARES SOPRAM

Capítulo 1
Contexto sociopolítico em 1964: a capital ocupada.....21
Claudia Paiva Carvalho
Cristiano Paixão

Capítulo 2
A educação tecnicista no golpe militar de 1964.....46
Raquel de Almeida Moraes

Capítulo 3
Financiamento da educação no Distrito Federal: o período autoritário.....62
Jorge Abrahão de Castro

Capítulo 4
Estudo comparado da educação escolar em instituições públicas e privadas do Distrito Federal (1964-1984) 79
José Luiz Villar Mella

Parte II
PENSADORES DA EDUCAÇÃO APARTADOS

Capítulo 5
Anísio Teixeira: pensamento silenciado, ação interrompida 95
Eva Waisros Pereira

Capítulo 6

Paulo Reglus Neves Freire, Brasília, 1964 130

Laura Maria Coutinho

Capítulo 7

Darcy Ribeiro: trajetória, exílio e pós-exílio.....156

Haydée Ribeiro Coelho

Parte III

EDUCAÇÃO, AUTORITARISMO E REPRESSÃO

Capítulo 8

O elefante branco: uma escola com o nome de resistência.....175

Eliane Brito

Capítulo 9

Organização de docentes do Distrito Federal: a repressão no período da ditadura militar 194

Antonio Carlos Andrade de Souza

Erlando da Silva Rêses

Capítulo 10

Centro Integrado de Ensino Médio, Ciem: uma escola inovadora no período da ditadura militar 221

Ariane Abrunhosa

Denise Farage

Mariana Penna

Capítulo 11

Tecnologias da educação na nova capital: desenganos e êxitos 254

Maria Paula Vasconcelos Taunay

Raquel de Almeida Moraes

Parte IV
O OCASO DE UMA PROPOSTA TRANSFORMADORA

Capítulo 12
O golpe militar de 1964 e suas consequências sobre o plano educacional de Anísio Teixeira.....278
Leila Chalub Martins

Capítulo 13
O papel da tipologia das escolas classe na definição do lugar escola no Plano Piloto de Brasília.....303
Samira Bueno Chahin

Capítulo 14
Educação de jovens e adultos trabalhadores: concepções e práticas em disputa.....315
Leila Maria de Jesus Oliveira
Maria Margarida Machado

Capítulo 15
Educação negada: a luta dos moradores da Vila Paranoá pelo direito de estudar.....354
Leila Maria de Jesus Oliveira
Ricardo Gonçalves Pacheco

Parte V
MUDANÇAS NO CURRÍCULO ESCOLAR E NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Capítulo 16
Fios e tramas da memória: a cultura cívico-patriótica na escola pública do Distrito Federal (1964-1985).....376
Antonio Fávero Sobrinho
Valéria Nely Cézar de Carvalho

Capítulo 17

Estudo de um caderno de teoria e prática de ensino na matemática da Escola Normal da Ceilândia.....403

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho

Edilene Simões Costa dos Santos

Carmyra Oliveira Batista

Mônica Menezes de Souza Batista

Capítulo 18

Imagens da cidade e da escola: sobre a atualidade da proposta da escola parque para a capital.....423

Maria Andreza Costa Barbosa

Maria Lídia Bueno Fernandes

Parte VI

BRECHAS, ESPAÇOS ALTERNATIVOS E RESISTÊNCIA

Capítulo 19

Wladimir Murtinho e sua atuação na educação e na cultura do Distrito Federal 452

Maria Paula Vasconcelos Taunay

Capítulo 20

Projeto integrado de educação ambiental de Ceilândia: uma experiência inovadora em terreno minado.....482

Vera Margarida Lessa Catalão

Josefina Reis de Moraes

Capítulo 21

Entre livros e artes, uma escolinha de criatividade e uma biblioteca infantil na 104/304 Sul.....501

Luciana de Maya Ricardo

Alice Fátima Martins

Capítulo 22
Um olhar literário sobre Brasília: textos inaugurais e escrituras da resistência 521
Maria Alexandra Militão Rodrigues

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....541
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

SOBRE OS AUTORES 545

Parte IV
O OCASO DE UMA PROPOSTA TRANSFORMADORA

Capítulo 13

O papel da tipologia das escolas classe na definição do lugar escola no Plano Piloto de Brasília

Samira Bueno Chahin

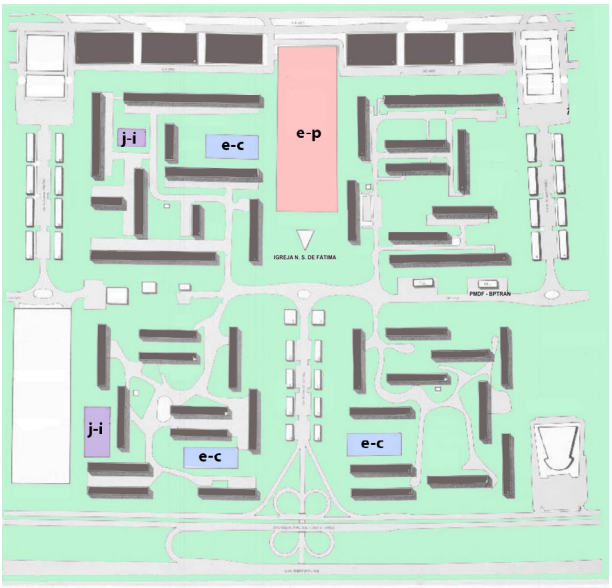
A utopia de um lugar escola

O programa escola parque, escolas classe é notoriamente reconhecido como uma das principais contribuições do baiano Anísio Teixeira para a consolidação do sistema educacional público brasileiro. Apesar do programa não ter se afirmado como estrutura escolar em nenhuma das tentativas de implementá-lo, desdobrou-se como referência para diversas outras políticas públicas no Brasil. Sua importância na história da educação brasileira, seja por sua inventividade e inovação conceitual, seja por seus diálogos com os movimentos de renovação escolar do século XX, é incontestável.

O programa de Anísio, celebrado como uma leitura da filosofia da educação progressista estadunidense, pode ser interpretado como um sistema *platoon* explodido no território, que avança para além das ideias de seus referenciais teóricos ao dialogar com a realidade territorial e a prática urbanística brasileira. Ou seja, a educação integral deveria confundir-se com a própria vida e, em tempo integral, estar imbricada no cotidiano dos

bairros. A escola seria um equipamento comunitário, organizadora não apenas da agenda curricular oficial, mas dinamizando relações sociais locais, específicas de cada um dos territórios onde o programa fosse implementado. Teria sido assim no incipiente projeto para o Rio de Janeiro na década de 1930; de modo mais sofisticado aconteceria no projeto de equipamentos urbanos concebido para Salvador no Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador (EPUCS), na década de 1950, e, sem razões para ser diferente, foi partindo desta mesma estratégia que se buscou sua sustentação junto ao plano urbano para a nova capital, Brasília. Nessa última tentativa, da imbricação entre as prerrogativas de vida comunitária presentes nos Planos Educacional e Piloto, se constituiria um lugar escola equivalente às áreas de vizinhança de Brasília (Chahin, 2018).

Figura 13.1: Área de vizinhança do Plano Piloto de Brasília transformada em lugar escola por seu Plano Educacional



Fonte: Chahin (2018, p. 87).

As crianças moradoras de cada uma das áreas de vizinhança do Plano Piloto, quando matriculadas em suas escolas, transitariam livremente, caminhando entre sua escola classe e a escola parque, seja no revezamento de equipamentos determinado pelo contraturno escolar, seja pelos trajetos entre casa e escolas, entre a vendinha de doces e a igreja e a casa do colega, entre o *playground* e as escolas etc. Apesar de não ter seus limites demarcados por barreiras físicas, a organização dos conjuntos habitacionais, dos equipamentos urbanos e do núcleo comercial das áreas de vizinhança disporiam a seus moradores a possibilidade de viver em uma célula verde, encravada entre autopistas.

As interpretações sobre o currículo e o papel da escola parque nesse sistema escolar são recorrentes. No entanto, na organização escolar desenhada para o Plano Piloto de Brasília, como a tipologia arquitetônica das escolas classe contribuíram para a conformação desse lugar escola?

A tipologia das escolas classe foi definida entre os primeiros projetos escolares desenvolvidos pelo Departamento de Urbanismo e Arquitetura (DUA), chefiado por Oscar Niemeyer e coordenado por Nauro Esteves, em Brasília, a partir de 1958, quando iniciaram os trabalhos de construção da nova capital. A organização funcional desse projeto, uma planta térrea simples, foi composta por dois blocos interligados por passagem coberta: o menor guardaria os ambientes administrativos; o maior, dedicado ao uso escolar propriamente dito, estaria organizado por oito salas de aula em torno de um pátio de recreação coberto, porém com abertura zenital para entrada de luz solar.

Figura 13.2: Escola classe tipo 1 – interação entre o espaço escolar e a superquadra



Fonte: Acervo Mude.

Ainda que a organização espacial de todas as oito salas de aula seja marcada pelas características de uma prática escolar tradicional — encerradas em seu próprio espaço interno e com mobiliário disposto na direção da centralidade docente —, há fluidez entre este conjunto de ambientes e o pátio interno, sem hierarquia espacial definida por corredores. Em outro nível da organização espacial, fluidez projetual semelhante marca a relação desse edifício escolar em relação às superquadras, propiciando uma clara apropriação visual do entorno. A permeabilidade visual entre o espaço escolar e a superquadra, promovida, inclusive, pela abertura zenital sobre o pátio interno, permite o contato visual frequente entre quem está dentro da escola e quem olha de alguma das janelas dos edifícios habitacionais. De igual modo, por outros ângulos, a tipologia arquitetônica inicial das escolas classe enseja interações entre o caminhante das superquadras e o interior dessas escolas, seja pela *promenade* desimpedida através dos pilotis dos edifícios residenciais, seja pelos deslocamentos cotidianos próprios da escala das vias arteriais das superquadras. E vice-versa, o mesmo desimpedimento há desde o interior dessas escolas em relação às superquadras (figura 13.2).

Desse modo, a tipologia de arquitetura para as escolas classe, tal qual definida em projeto pelo DUA, com salas de aula isoladas, porém com limites

e fechamentos bastante diluídos na superquadra, pode ser interpretada como um singelo abrigo para o currículo escolar, em meio à vida nas áreas de vizinhança, contribuindo, de modo singular, para a constituição espacial do lugar escola no Plano Piloto de Brasília e, em grande medida, incentivando um cotidiano escolar aproximado à vida cotidiana das unidades de vizinhança.

Arrefecimento das construções escolares entre 1961 e 1964

A gestação do Plano Educacional de Brasília, bem como o desenvolvimento de suas tipologias arquitetônicas, foi iniciada por volta de 1958, paralelamente aos intensos esforços de viabilizar a inauguração da nova capital no governo Juscelino Kubitschek. No entanto, como largamente discutido pela literatura especializada, nesse momento da história brasileira, o ritmo acelerado das obras somado ao quadro das demandas sociais e imposições políticas e às turbulências no cenário político do país pós-JK foram algumas das condicionantes que determinaram a realização de uma Brasília possível, em grande medida distante das designações utópicas dos seus planos iniciais. Sem dúvida, o Plano das Construções Escolares não ficaria de fora desta baila.

Apesar de o sistema escolar da nova capital ter sido representado em tom otimista pela revista Brasília (n. 50-52, 1961), apenas um Centro de Educação Elementar havia sido parcialmente construído na área de vizinhança modelo, conformada pelas superquadras 107, 108, 307 e 308 Sul, no primeiro aniversário da cidade, comemorado em abril de 1961. Embora poucas superquadras estivessem com seus edifícios habitacionais plenamente construídos nesta data, lembremos que, segundo o Plano Educacional de Brasília, cada uma das unidades de vizinhança deveria ter um centro de educação elementar, conformado por uma escola parque, quatro escolas classe e quatro jardins de infância (Silva, 1959; Teixeira, 1960). Tamanha morosidade na construção dos equipamentos escolares definidos

pelo Plano Educacional acompanhava as determinações contratuais assumidas pela Novacap em agosto de 1959. Ainda que o Plano Educacional previsse a construção de 28 escolas parque, 112 escolas classe e 112 jardins de infância em todo o Plano Piloto, a Companhia de Urbanização da Nova Capital (Novacap) havia autorizado a construção de apenas seis escolas classe e dois jardins de infância, além da construção já autorizada de uma escola parque, unidades que deveriam ser edificadas a partir dos projetos primários definidos pelo Departamento de Urbanismo e Arquitetura, conforme a Ata da 97ª reunião da Novacap (ARPDF, Caixa 315).

Com o início do governo Jânio Quadros e João Goulart, os envolvidos nas obras de Brasília viram seu ritmo acelerado passar à condição de trabalho praticamente paralisado. Diante das diversas resistências políticas em sustentar a transferência da capital, bem como ao desagrado que a mudança do Rio de Janeiro para o Centro-Oeste causava ao próprio Jânio Quadros, as narrativas contam que, somente em 1964, com a instauração do regime militar, as obras voltariam a ser, de fato, retomadas. Desse modo, foi franco o declínio da construção de equipamentos escolares durante o governo Jânio Quadros e João Goulart, que, para além da finalização dos contratos já firmados pela Novacap, pouco fizeram em matéria de construção do Plano Piloto de Brasília.

> De 1961 a 1964, pouco se fez. A instabilidade política do País perturbou a continuação regular das obras e a fixação de Brasília como Capital. Eram muitos os inimigos e constantemente surgiam tentativas do chamado retorno da capital. / A partir de 1964, novo alento e novas esperanças tomaram conta do povo brasiliense. As providências executadas pelo Presidente Castello Branco e a sua firme determinação de consolidar Brasília esboroaram as últimas esperanças dos retornistas. (Silva, 1985, p. 217)

O Plano Trienal de Educação, proposto pela administração de Ivo Magalhães, em 1962, iniciou um tímido processo de expansão da rede escolar de Brasília, com foco em suprir demandas numéricas. Em finais de 1963,

a revista *Brasília* noticiou a construção de quatro escolas classe no Plano Piloto, além de algumas outras unidades escolares nas cidades-satélites, e a elas se referia com a simplificação de um programa de instrução para o qual bastariam salas de aula construídas a um baixo custo (Brasília, 1962;1963, p. 8-9). Mantendo-se a base tipológica térrea desenvolvida pelo DUA, com oito salas organizadas em torno de pátio aberto, as quatro escolas classe foram construídas a partir de um novo projeto de arquitetura. A figura 13.3 permite uma primeira identificação geral das modificações espaciais implementadas com esse segundo projeto de escolas classe, construído no Plano Piloto entre 1962 e 1963.

Figura 13.3: Escola classe construída na administração de Ivo Magalhães

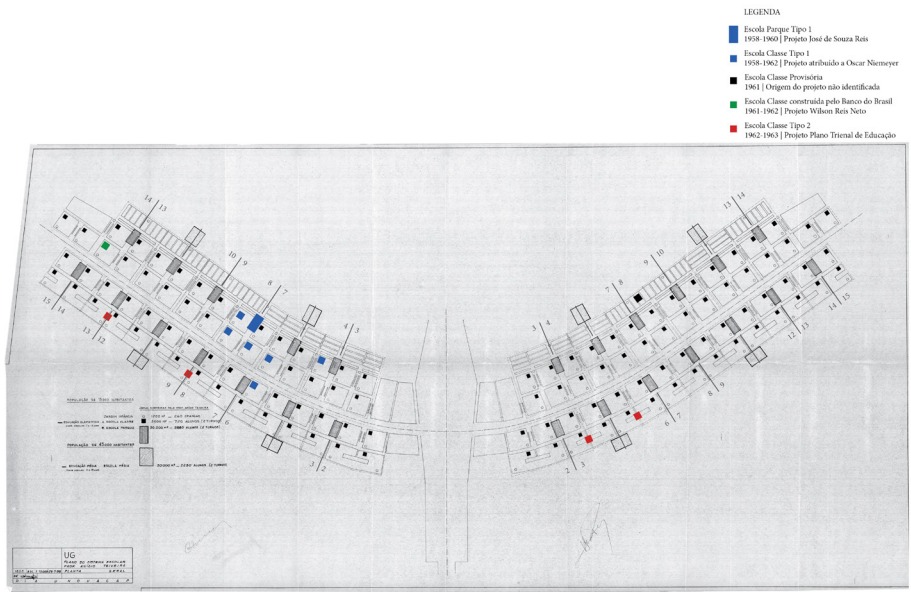


Escola classe construída na administração de Ivo Magalhães, entre 1962 e 1963, nas superquadras 407/408 e 413/414 Sul e 405/406 Norte, por meio do programa de construções escolares do Plano Trienal de Educação. A fotografia é da Escola Classe 407/408 Sul (Brasília, 1962;1963, p. 10).

O problema escolar passava a, evidentemente, priorizar metas quantitativas, de tempo e custo das obras, com vistas à ampliação do número de salas de aula. Sem qualquer menção às diretrizes educacionais e programáticas configuradas poucos anos antes, a apropriação do Plano Trienal de 1963 sobre o Plano Educacional de 1958 parece ter ficado restrita à adoção de nomenclaturas sem adesão real ao programa escolar de centros de educação elementar. Ainda que a tipologia base definida para as escolas classe tenha sido assimilada pelo novo Plano Trienal de Educação, a construção de novas escolas parque foi definitivamente interrompida nesses anos, condição que criou um agravante negativo para as escolas primárias construídas, pois, uma vez que o programa escolar do Plano Educacional de Brasília foi distribuído entre diferentes equipamentos escolares, sendo a escola parque o agregador das atividades complementares, o projeto das escolas classe, de acordo com seu programa inicial, não teria como adequadamente absorver funções educativas mais complexas devido à simplicidade de seu programa arquitetônico, bem como ao reduzido tamanho dessas unidades escolares. A construção de escolas classe sem escolas parque, desse modo, significava admitir, desde o princípio, a inviabilização do Plano Educacional.

Entre 1961 e 1964, além do acanhado ritmo das obras, o número limitado de escolas construídas não parecia demonstrar comprometimento com o programa do Plano Educacional elaborado em 1958. Tamanha desarticulação inviabilizou que as áreas de vizinhança ganhassem progressivamente a função de lugar escola. Por outro lado, as cidades-satélites foram sendo consolidadas como periferias urbanas e os novos planos de construções escolares as incluíam como áreas a serem atendidas, revertendo completamente o paradigma da coeducação de classes presente nos planos iniciais.

Figura 13.4: Mapa das unidades escolares do Plano Educacional de Brasília em 1963



Fonte: representação da autora sobre planta do acervo Novacap.

Rupturas e continuidades na tipologia definida para as escolas classe

A tipologia de escola classe definida pelo Departamento de Urbanismo e Arquitetura seguiuv se desdobrando em novas arquiteturas, pois, ao que parece, fatores favoráveis presentes em suas condicionantes projetuais — programa mínimo de salas de aula associado à área de recreação e bloco administrativo compacto, além de racionalidade estrutural propícia às soluções construtivas econômicas — pareciam critérios que, isoladamente, serviriam aos propósitos de uma expansão escolar elementar em larga escala, a baixo custo e ajustada às proporções das áreas disponíveis no interior das superquadras.

No acervo da Novacap, entre 1965 e 1967, foram identificados três tipos diferentes de projetos de arquitetura, desenvolvidos nesse período, para escolas classe construídas até 1970: ECSQ-12, ECSQ-13 e ECSQ-14. Segundo informações dos carimbos dos projetos, o tipo ECSQ-12 foi projetado por Jorge de Souza, no Departamento de Arquitetura da Prefeitura

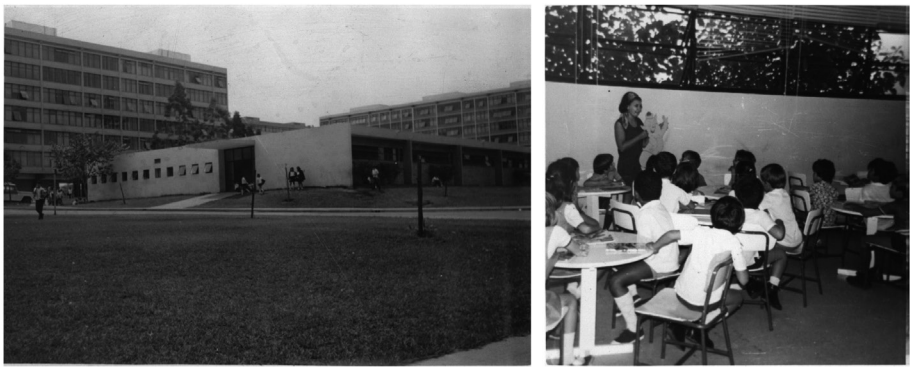
do Distrito Federal em 1965; o projeto do tipo ECSQ-13 é de autoria de Shyam, também desenvolvido dentro da Prefeitura do Distrito Federal em 1967. Já o tipo ECSQ-14 foi desenvolvido por empresa terceirizada, a MR Arquitetura e Engenharia, em 1966.

Todos os projetos foram elaborados a partir do mesmo programa de oito salas de aula e uma sala para biblioteca, ou outro uso complementar, dispostas ao redor de um pátio coberto. O bloco administrativo juntou-se ao corpo das salas de aula, ocasionando maior encerramento da arquitetura em relação às áreas externas da superquadra. Ainda assim, os projetos mantiveram os jardins internos e, no caso dos ECSQ-13 e ECSQ-14, propuseram a extensão das salas de aula para um pequeno jardim, espécie de recuo lateral, tendo em vista a consolidação do uso de fechamentos opacos na delimitação entre o espaço escolar e a superquadra. No caso do ECSQ-12, o cerceamento visual foi resolvido com o uso de janelas altas, de modo que as "salas de aula" não vissem nem fossem vistas por quem estivesse fora da escola.

Os novos projetos para as escolas classe variaram a partir de uma mesma tipologia suficientemente racional, mantendo alinhamento estrutural e soluções construtivas simplificadas, sem grandes vãos ou desafios estruturais mais complexos, a ponto de serem facilmente adaptados a técnicas de pré-fabricação e multiplicáveis entre as superquadras. Se o projeto ECSQ-13 lançou mão de uma extravagante marquise de entrada em formato triangular, bem como da definição de um pátio para recreio aberto de forma ameboide, o desenho de sua estrutura especificou o uso de vigas pré-moldadas. O ECSQ-14 valeu-se de laje tipo canaleta pré-moldada e painéis de cimento amianto como vedação para os limites laterais da escola.

Embora esses novos projetos tenham seguido a mesma estrutura tipológica do projeto inicial proposto pelo DUA, a partir de sua racionalidade programática e construtiva, houve um evidente cerceamento das conexões visuais entre os ambientes internos da escola e a superquadra, eliminando a fluidez observada nas primeiras escolas classe e evidenciando limites para o espaço escolar.

Figura 13.5: Escola classe Tipo 12, Superquadra 305 Sul - Escola de Aplicação, 1970. Fotógrafo não identificado



Fonte: acervo Mude.

A despeito do grande problema programático causado pela descontinuidade do programa das escolas parque nas políticas de construções escolares para o Plano Piloto, o encerramento espacial dos projetos de arquitetura para as escolas classe, desenvolvidos nos anos subsequentes à inauguração de Brasília, pode ser apontado como fator relevante de desestruturação do lugar escola junto à escala cotidiana do Plano Piloto.

Embora tenha havido mudança na clientela escolar e essas escolas tenham deixado de atender prioritariamente estudantes moradores locais (Barcellos, 1993), e ainda que o tamanho das escolas classe construídas impedisse o desenvolvimento de uma série de atividades complementares bastante caras ao currículo escolar contemporâneo, a abertura de seus espaços e tempos para as superquadras teria o potencial de reavivar a área de vizinhança como espaço escolar conectado à vida urbana do Plano Piloto. Apesar de ceifadas as árvores, muitas sementes foram plantadas. A força da tipologia definida para as escolas classe parece inequívoca.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Acervo Novacap, Ata da 97ª reunião da Novacap, Caixa 315.

BARCELLOS, Vicente Quintella. *A clientela escolar no conceito de unidade de vizinhança*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. Brasília, 1993.

CHAHIN, Samira B. *Cidade nova, escolas novas?* Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-29102018-183436/pt-br.php. Acesso em: jun. 2019.

BRASÍLIA. *Revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital*, ano V, n. 50-52, 1961.

BRASÍLIA. *Revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital*, Ano VII, n. 65-81, maio 1962 / set. 1963.

SILVA, Ernesto. *Brasília: Plano Educacional e Médico Hospitalar.* Folheto. Subsídio para a 3ª Viagem de Estudos. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 1959.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. Brasília: Senado Federal, 1985, p. 235-252.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *In. Revista Módulo*, v. 4, n. 20, jan. /out. 1960, p. 2-15.

Sobre os autores

Alice Fátima Martins

Doutora em Sociologia, professora titular na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Bolsista de produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: profalice2fm@gmail.com

Antonio Carlos Andrade de Souza

Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília; professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: toninho2018pos@gmail.com

Antonio Fávero Sobrinho

Mestre em História pela Universidade de Brasília, Professor Assistente na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Ariane Abrunhosa

Doutora em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal.
E-mail: abrunhosa.ariane@gmail.com

Claudia Paiva Carvalho

Doutora em Direito pela Universidade de Brasília, professora de Direito do Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP).
E-mail: claudiapaivac@gmail.com

Cristiano Paixão
Doutor em Direito Constitucional pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor adjunto da Faculdade de Direito da UnB.
E-mail: cristiano.aslh@gmail.com

Carmyra Oliveira Batista
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: carmyra.batista@gmail.com

Denise Farage
Especialista em Políticas Públicas pela Universidade de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: denisefarage@gmail.com

Edilene Simões Costa dos Santos
Doutora em Educação, em Ciência e Matemática pela Universidade de Brasília, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
E-mail: edilenesc@gmail.com

Eliane Brito
Doutoranda em História pela Universidade de Brasília, professora do Centro Universitário Planalto do DF (Uniplan), da Faculdade Projeção e professora substituta do Instituto Federal de Brasília.
E-mail: eliane.cbo@gmail.com

Erlando Reses
Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UnB.
E-mail: erlandoreses@gmail.com

Eva Waisros Pereira
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Aberta de Portugal; professora emérita e pesquisadora associada plena do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília.
E-mail: evawaisros@gmail.com

Haydée Ribeiro Coelho
Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, professora associada IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: haydeeribeiro@hotmail.com

Josefina Reis de Moraes
Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Católica de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: josefinarmoraes@gmail.com

José Luiz Villar Mella
Doutor em História Social e das Ideias pela Universidade de Brasília, professor associado I da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Jorge Abrahão de Castro
Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pesquisador associado da Universidade de Brasília e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB).
E-mail: jorge.abrahao57@gmail.com

Laura Maria Coutinho
Doutora em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: lauracou@gmail.com

Leila Chalub Martins
Doutora em Ciências Sociais - Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas, professora do ensino básico público de Brasília de 1968 a 1992, professora associada aposentada da Universidade de Brasília.
E-mail: leilachalub3@gmail.com

Leila Maria de Jesus Oliveira
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: leiladejesus@gmail.com

Luciana de Maya Ricardo
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: luciana.maya@gmail.com

Maria Andreza Costa Barbosa
Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, professora de Artes Visuais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: andrezaferreiro@gmail.com

Mariana Gonçalves Penna
Graduada em História pela Universidade de Brasília e estagiária do Museu da Educação do Distrito Federal.
E-mail: marigpenna@gmail.com

Maria Alexandra Militão Rodrigues
Doutora em Psicologia, professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: alexandrarodrigues57@hotmail.com

Maria Lídia Bueno Fernandes
Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo, professora associada 3 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS).
E-mail: lidia_f@uol.com.br

Maria Margarida Machado
Doutora em Educação, professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: mmm2404@gmail.com

Maria Paula Vasconcelos Taunay
Doutora em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: mariapaulataunay@gmail.com

Mônica Menezes de Souza Batista
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: profmonicams@yahoo.com.br

Raquel de Almeida Moraes
Doutora em Educação, professora Associada 4 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Líder do Grupo Lattes do CNPq: GT História, Sociedade e Educação no Brasil no DF, HISTEDBR-DF - HISTEDBR.
E-mail: raquelmoraesbr@gmail.com

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo, professora do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) e da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: rosalia.carvalho@udf.edu.br

Ricardo Gonçalves Pacheco
Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília, professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: prof.ricardopacheco@gmail.com

Samira Bueno Chahin
Doutora em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo, professora do Centro Universitário Facens, membro do Comitê Editorial do projeto Arquitetura e Escrita e do GT Territórios Educativos do Instituto de Arquitetos do Brasil, São Paulo.
E-mail: samira_chahin@yahoo.com.br

Valéria Nely Cézar de Carvalho
Doutora em História pela École Pratique des Hautes Estudes de Paris, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: carvalho.nely@gmail.com

Vera Margarida Lessa Catalão
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
Email: veramcatalao@gmail.com

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro.

Esta obra é mais uma etapa da história da educação no Distrito Federal. Seu recorte histórico abrange o período da ditadura militar no Brasil, com foco nos acontecimentos na área da educação e suas repercussões na rede de ensino local. Os desafios vividos naquele período de autoritarismo constituem experiências antagônicas ao ideário democrático fundante do sistema de ensino público inovador da capital brasileira. A construção do conhecimento histórico a esse respeito é essencial para que se compreenda a relação intrínseca entre educação e sociedade, bem como as estratégias de organização social adotadas para o enfrentamento à opressão política e ideológica que marcou toda uma geração de brasilienses.

Alice Fátima Martins | Antônio Carlos Andrade de Souza
Antônio Fávero Sobrinho | Ariane Abrunhosa
Claudia Paiva Carvalho | Cristiano Paixão | Carmyra Oliveira Batista
Denise Lucinda Farage | Edilene Simões Costa dos Santos | Eliane Brito
Erlando Reses | Eva Waisros Pereira | Haydée Ribeiro Coelho
Josefina Reis de Moraes | José Luiz Villar | Jorge Abrahão de Castro
Laura Maria Coutinho | Leila Chalub Martins | Leila Maria de Jesus Oliveira
Luciana de Maya Ricardo | Maria Andreza Costa Barbosa
Mariana Gonçalves Penna | Maria Alexandra Militão Rodrigues
Maria Lídia Bueno Fernandes | Maria Margarida Machado
Maria Paula Vasconcelos Taunay | Mônica Menezes de Souza
Raquel de Almeida Moraes | Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho
Ricardo Gonçalves Pacheco | Samira Bueno Chahin
Valéria Nely Cézar de Carvalho | Vera Margarida Lessa Catalão